

Coliseu dos Recreios
HOJE — 2 sensacionais espectáculos — HOJE
ULTIMA semana ULTIMA DA
Grande Companhia de Circo
A's 15 horas (3 da tarde) A's 21 horas (9 da noite)
— **GRANDIOSA MATINEE** — **DESLUMBRANTE SOIRÉE**
O maior sucesso de gargalhada
No espectáculo da noite representar-se-há a engraçadíssima pantomima
A Feira de Sevilha
com bailados, cantos flamengos, ciganos, cavalos e lindas mulheres trajando rigorosamente a andaluza
Grande tourada à espanhola
com picadores, monos sábios, bandarilheiros, espadas, etc., tendo lido UM BRAVISSIMO E PURO GARRAIO
Alegria — Vida — Entusiasmo — Animação O maior acontecimento da temporada
Dia 19 — Estreia da Grande Companhia Italiana de Opera e Opereta **MARION ODETTE**

CRONICA PARA LAMENTAR

NO CIRCO DE SÃO BENTO

Coisas que fariam rir os mortos no dia de hoje
— O sr. Tavares de Carvalho almoçou patriotismo — A freguesia de Valongo passa a ser do Milhões — Combate de dois galos por causa dum inconveniente

Os espectáculos da companhia continuam dando notas dum cómico irresistível. E a rir observou o «reporter» um episódio digno da sudez do «vasto hemisfério». A chamada foi um dos números mais engraçados, devido à falta de número. Baltazar Teixeira chama pelos que estão e pelos que não estão, pelos que se foram e até talvez pelos defuntos — para juntar um número iraquinho.

O presidente apoia a testa nos punhos — e espera. Francisco Cruz, porém, tique não esteve para mais e falou para não rebarbar.

— Isto é que é, hein?! Então há número ou não há número? Meus senhores, vamos para casa.

O Jorge Nunes faz causa comum — Onde está esse rigor, essa disciplina?

O barulho vai aumentando. A voz de Jorge Nunes parece o som dum trombeta. O vozirão rouco de Francisco Cruz é semelhante a um trombone desatinado.

— Eu vou-me embora!... Eu vou-me embora!... — grita ele, em fúrias de neurasténico.

— Hája número, sr. presidente! — grita o Jorge.

— Hája antes vergonha! — exclama um engraçado.

Do pico do pensamento, o presidente olha a tempestade. Os trovões ribombam, precipitados das gargantas dos insubordinados pais da pátria, e dos olhos de todos eles se desprendem faíscas capazes de fulminar quem os tomar a sério.

Agora a nota mais cómica. O Chico Cruz, depois de muito berrar, sente-se cansado ante a imobilidade do pensamento presidente, exaspera-se ao rubro e — ai! pernas, para que vos quero! — deita a correr pelo «vasto hemisfério», galga passos nos Passos Perdidos e, como se o engulisse um algaço, desaparece no elevador — para sempre, diz o chorar.

Finalmente, o presidente decide-se: — Estão — presentes — trinta e oito — senhores — deputados.

Gargalhadas acolhem o cantochão: — Tirados a ferro! tirados a ferro! O Vasco Borges tem uma tirada magnífica:

— Portugueses da minha pátria, cidadãos da minha pátria, gente ouxada! O Milhões, irmão de milhares dum unidade, nasceu em Valongo. Por isso, prestemos homenagem ao Milhões. Proponho que seis milhões de audezes luzitanos chamem Valongo de Milhões à terra do herói, porque Milhões é o apelido do Milhões.

O Maia da aviação, que é, em princípio, oficial do exército:

— Se Milhões é Milhões, que seja de Milhões a Valongo...

O Vasco Borges:

— Não deve ser do Milhões a terra de Valongo; isto em nome da integridade do território português, que Milhões defendeu com bravura. Mas que Valongo seja de Milhões está certo.

Todos concordam e assim fica com-

Vista lá só em meia carga e não em carga completa, como igualmente afirmava o mesmo jornal da manhã, e apenas levava uma baleira e um bote, embarcações insuficientes para qualquer navio.

E continuam:

— O vapor *Constância*, da cidade Companhia, há mais de quatro anos que não vai à doca para limpeza. Está também em condições péssimas e qualquer dia succeide-lhe o mesmo para o governo do Correia da Silva.

Em volta de nós iam crescendo os interessados. Todos estavam possuídos da mesma indignação contra a maneira como são tratadas estas questões. E tirge um com um jornal.

— Ouça, ouça o que aqui se diz.

E lá: «há pouco tempo foi vistoriada por oficiais da capitania do porto de Lisboa, os quais a acharam em magníficas condições de navegação».

Acrescentando indignado:

— Isto é mentira. Só é verdadeiro o artigo publicado em *A Batalha* de 6 de Março. A *Bela Vista* não estava em condições de navegar, e mais uma vez se prova a incompetência dos oficiais da marinha de guerra em assuntos da marinha mercante.

Outro, no mesmo tom:

— Em todas as nações os assuntos da marinha mercante dependem do ministério do comércio; só em Portugal estão na dependência do ministério da marinha.

O que ouvimos já era o suficiente para elucidar os leitores. A barca *Bela Vista*, em nossa opinião, foi mandada para o mar porque assim convinha ao egoísmo de Correia da Silva.

As vidas não importam a esse cavalheiro. As vidas e os orfãos que se governam, que morram de fome, no entanto que aumente a sua fortuna à custa

POR ESSE MUNDO FORA

INGLATERRA

A lei do inquilinato reprovada pelos defensores dos senhores

LONDRES, 8. — A votação sobre a lei do inquilinato inglesa, na Câmara dos Comuns foi desfavorável para o governo. Contudo o sr. Macdonald não vê nisso motivo para renunciar ao seu cargo.

ALEMANHA

Está eminente uma greve ferroviária

BERLIM, 8. — Está eminente uma greve dos ferroviários alemães que pedem aumento de salário e o restabelecimento do dia normal de oito horas. A União dos Trabalhadores Telegrafistas prometeu auxílio financeiro dos ferroviários. Hoje realizam-se as negociações decisivas entre os delegados ferroviários e o governo.

O custo da ocupação militar britânica

LONDRES, 8. O ministério da Guerra declarou que os gastos com a ocupação britânica, no sector de Colónia durante o ano passado, importaram em 1.600.000 libras.

Uma escaramuça entre rebeldes e a artilharia espanhola

MELILLA, 8. — Os mouros rebeldes ocultaram-se nas montanhas e barrancos próximos de Cefe. Mobilizaram-se baterias de artilharia de montanha que fizeram fogo certo sobre esses barrancos limitando-se os mouros a fazer tiros de fuzilamento.

MARROCOS

Uma escaramuça entre rebeldes e a artilharia espanhola

MELILLA, 8. — Os mouros rebeldes ocultaram-se nas montanhas e barrancos próximos de Cefe. Mobilizaram-se baterias de artilharia de montanha que fizeram fogo certo sobre esses barrancos limitando-se os mouros a fazer tiros de fuzilamento.

Apoiado! — grita o alegre companheiro.

— E! necessário desmanchar a calúnia que nos suja a todos nós. Não prometemos o bacalhau a pataco...

— Apoiado!

— Não apoiado!

Um grupo baila, ri e chora. E o inabulável Tavares continua.

Sr. ministro da Agricultura, diz aqui este jornal do Rio de Janeiro, que no Brasil começaram a cumprir-se imediatamente os decretos contra a vida cara. E' só decretar.

— A batalha está mais cara! — diz o malcriado Hermano.

Passa-se o tempo a contar histórias, até que o Carvalho da Silva se zanga:

— Então estamos ou não estamos na ordem do dia?

Rebenta a desordem a favor da ordem. O presidente grita, toca e suja, mas tudo passa pelo melhor dos mundos possíveis na mansão dos deuses.

A companhia volta agora da feira de ciganos. Discutem transacções do ouro e da prata, negócios de papel e de libras.

— O Alvaro intrujou-nos quando disse que o velho Portugal tinha muito dinheiro... E agora vai vender toda a prata ao estrangeiro, não tenham dúvidas.

Ora, sempre digo que o Alvaro exorbitou e passemos adiante.

O Jorge Nunes concorda, porque o Alvaro só tem feito disparates.

O Alvaro defende-se, grita que há dinheiro e que não há mais nada — para dizer.

— Carlos Olavo está altercando com o Jorge Nunes. E' gozoso!

— Você, sr. Olavo, nunca cá aparece. E agora, que cheira a esturro vem meter o beldinho na questão.

— Andam vocês acorrentados aos monárquicos! Traidores da Bica...

— Você é um inconveniente!

— Retire a frase! Não admito! Retire a frase!

— Repito: você é um inconveniente. Quem o fez «leader» nunca pentou olavos.

Depois de muita chiada, o presidente arruma a questão. Apenas se ouve o Carlos Olavo a estrebuchar:

— Não quiz ofender! Não quiz ofender!

Vai votar-se a moção de censura ao governo que o Carvalho da Silva ofereceu como amenda das páscuas. Não há número. Faz-se a chamada que apura, ao certo, 55 deputados — o mínimo para deliberar.

E pouco depois, a alegre companhia de saltos fauleus dá fim à comédia.

A BATALHA

NA PROVINCIA NOS ARREDORES

Almada

Prêsoes que se evadem

ALMADA, 7. — Evadiram-se da cadeia desta vila os prêsoes que estavam reclusos na enxovia que deita para a rua Capitão Leitão. A fuga foi feita na madrugada de domingo e por meio de arrombamento. Os prêsoes cortaram com um serrate as grades, tanto interiores como exteriores, e puzeram-se em fuga, com excepção de um. Esse declarou que não acompanhara os seus companheiros por lhe faltar pouco tempo para cumprir a pena. Porém, entre os fugitivos, havia quem fizesse menos tempo, o que nos fez estranhar a fuga.

Tivemos a confirmação do que aqui se tem dito quanto à alimentação dos prêsoes.

O prêso disse-nos que o café, é-lhes dado sem açúcar, tendo de o comprar à sua custa. Pão, dão-lhe um pequeno para todo o dia e mostraram-nos uma minúscula posta de arraia e duas pequenas batatas, que era o que lhe tinham dado para a única refeição do dia!

Quanto a azeite, não é exagero dizer-se, é pouco mais ou menos um decilitro para cada prêso. O interessante é que lhes fornecem tudo cru, tendo ontem o prêso que pedir a uns garotos que lhe arranjassem uns cavacos, porque nem carvão lhe tinham fornecido.

Por sua vez, o arrematante do fornecimento da comida para os prêsoes, já se tem queixado que lhe estão em débito e que não pode fornecer melhor.

Bem fizeram, pois, os outros em se pôrem a salvo destas patifarias.

Um aniversário

Realizou as festas do seu 29.º aniversário a Academia R. Familiar Almadaense, que relevantes serviços tem prestado à causa operária.

Dessejamos-lhe mil prosperidades. — C.

APOLO

HOJE: RECITA EM HOMENAGEM aos heróicos combatentes da GRANDE GUERRA

Sensacional apoteose-Versos recitados pelo actor Otelo de Carvalho

75.º Fruto Proibido

Ampliada com o gracioso e deslumbrante quadro novo

“Salon” Belas Artes

Crítica de palpitante actualidade — Rir a valer —

Lisboa na rua

Rendimentos dos operários

Na enfermaria Curry Cabral, do hospital Estefânia, deu entrada Maria Fernandes, de 16 anos, jornaleira, natural e residente em Odivelas, a qual na fábrica daquela localidade foi colhida por uma porção de cebo quente, ficando muito queimada pelo corpo.

Agressão mortal

Ontem, cerca das 7 horas da manhã, dois indivíduos entraram numa padaria sita na rua de São Cristóvão, 9, e sem proferirem palavra dispararam as suas pistolas, alvejando o encarregado da casa Manuel da Costa, de 25 anos. Três dos projectéis foram atingir o alvejado no peito, dando-lhe morte quasi instantânea, indo outro ferir uma mulher que ali se encontrava comprando pão de nome Teodolinda Adélia Coimbra, de 53 anos, residente na rua de São João, 13, 3.º.

As detonações fizeram aproximar o ciclo 1055, da 7.ª esquadra, que não conseguiu deitar a mão aos agressores, os quais se evadiram pela rua das Ralhinas, tendo no entanto sido perseguidos pelo referido ciclo. Compareceu no local o automóvel n.º 4, da Cruz Vermelha, com o maquinista n.º 219, J. Costa, o qual conduziu ao hospital de São José os feridos, chegando o Costa já cadáver aquele estabelecimento, pois um dos projectéis atingiu-lhe o coração. O cadáver, depois de verificado o óbito, recolheu ao Instituto de Medicina Legal a fim de ser autopsiado.

A outra vítima que apresentava um tiro no braço direito com orificio de entrada e saída foi pensada pelos cirurgiões de serviço drs. sr. Luis Ottoni e Santos Paiva, recolhendo depois a casa.

Correm duas versões acerca deste crime, sendo uma a de que o assassino em tempos foi agente de investigação e denunciava à polícia tudo quando se passava na Associação de Classe dos Manipuladores de Pão. A outra é que, sendo o Costa proprietário da padaria, foi trespassado à moagem faltando assim a um compromisso de honra existente entre os proprietários das padarias independentes.

Pelo Instituto de Medicina Legal

Neste estabelecimento deram ontem entrada dois fetos encontrados ao abandono e Mário Simões Cortês, de 27 anos, casado, condutor dos eléctricos e residente na rua de Arroios, 187, 2.º, que faleceu a caminho do hospital de São José, quando para ali seguia a fim de ser internado.

VIDA POLITICA

Partido Comunista. — Federação Comunal de Lisboa. — Realizou-se na sede deste organismo a reunião das comissões administrativas, notando-se a falta das comunas Carl Liebknecht e Reclus.

Pela Federação foi presente o baluarte de João de Mago e outros trabalhos de propaganda a executar pelas comunas, sendo aprovado os mesmos.

Foi também resolvido realizar a inauguração da bandeira da Federação no dia 27 do corrente, sendo recebidas as importâncias apuradas para esse efeito até ao dia 12, na sede da Federação.

Federação da Construção Civil. — São convocados os delegados que fazem parte da comissão administrativa do jornal «O Construtor», a realizarem uma reunião, pelas 20 horas, que é para se tratar da saída do mesmo órgão.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Reúnem hoje, pelas 21 horas, em conjunto, a comissão administrativa e os elementos nomeados para a propaganda a fim de se posar em prática a resolução tomada pelo Conselho Federal.

Compositores Tipográficos. — Reúnem amanhã pelas 18 horas os delegados dos quadros dos jornais a fim de lhes serem presentes as contas do último movimento.

Litógrafos e Anexos. — Reúnem hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, juntamente com a comissão pró-Bandeira.

Operários alfaiates. — Por motivo de «demarques» a realizar referentes às reclamações da classe, ficou adiada para amanhã, às 21 horas, a reunião da comissão de melhoramentos, a que deve comparecer o delegado dos contra-mestres, visto ter de assentir-se em trabalhos que interessam estes camaradas.

S. U. da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Reúnem hoje, pelas 20 horas, a assembleia de delegados, sendo indispensável a comparência de todos os componentes devido à importância dos assuntos a tratar.

Canteiros e polidores de mármore. — Foi convidada a reunir hoje, pelas 21 horas, com a Comissão Administrativa, a comissão revisora de contas, a fim de se liquidarem as contas do ano transacto.

Federação Mobiliária. — Comissão Revisora de Contas. — A fim de ultimarem os trabalhos pendentes, reúnem hoje, às 17,30 horas, todos os componentes desta comissão.

S. U. Mobiliário. — Corpos gerentes. — Para apreciar um assunto de inadiável resolução, reúnem hoje, pelas 21 horas, os componentes das comissões administrativas, de melhoramento e de propaganda da Federação.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Delegados à Conferência Inter-Sindical. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Vida Sindical

U. S. O.

Conselho de delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados para se ocupar dos assuntos seguintes:

1.º Apreciação a posição dentro da U. S. O. das Associações dos Descarregadores de Mar e Terra e Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa;

2.º Comemoração do 1.º de Maio.

3.º Apreciação a questão do Pão.

4.º A cédula pessoal.

COMUNICAÇÕES

Federação Corticeira. — Reúne o conselho federal, sendo lido o expediente ao qual foi dado o devido andamento e de que constava um ofício do Sindicato de Aldegalga comunicando a terminação do conflito dos quadros da casa José Jacinto com vitória parcial, continuando a greve na casa Joaquim Morais, onde se encontra a trabalhar António Alexandre Júnior, que assim está trazendo os seus camaradas. Foi resolvido, caso este não se solidarize com os seus camaradas, se comunicar a toda a classe no sentido de se não trabalhar na sua companhia. De Faro foi comunicado que continua a greve e, que os grevistas estão colocados à excepção de três, tendo por isso sido suspenso o auxílio material que esta Federação estava prestando.

O camarada José Vilhena, vindo do Porto e Gaia, informou o conselho do estado lastimoso em que se encontra a organização da classe naquela região, declarando que só a Delegação Confederal do Norte e a U. S. O. do Porto e Gaia poderão conseguir o seu levantamento moral e material. O conselho resolveu tratar deste assunto com os respectivos delegados e o conselho tomou conhecimento das muitas reclamações de aumento de salário que a classe formulou por intermédio dos Sindicatos, tendo os industriais respondido que não atendiam reclamações isoladas. Depois de largamente apreciada a situação económica da classe e as respostas dos industriais aos sindicatos, foi resolvido reclamar do industrialismo corticeiro do país, para toda a classe, 50 % sobre os salários de 10500 escudos para cima e 80 % sobre os salários inferiores a 10500. Ficou assente que esta reclamação só se enviaria à Associação Industrial depois da classe a ter sancionado nos respectivos sindicatos para o que devem reunir e telegrafarem as suas resoluções a esta Federação.

Federação da Construção Civil. — São convocados os delegados que fazem parte da comissão administrativa do jornal «O Construtor», a realizarem uma reunião, pelas 20 horas, que é para se tratar da saída do mesmo órgão.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Reúnem hoje, pelas 21 horas, em conjunto, a comissão administrativa e os elementos nomeados para a propaganda a fim de se posar em prática a resolução tomada pelo Conselho Federal.

Compositores Tipográficos. — Reúnem amanhã pelas 18 horas os delegados dos quadros dos jornais a fim de lhes serem presentes as contas do último movimento.

Litógrafos e Anexos. — Reúnem hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, juntamente com a comissão pró-Bandeira.

Operários alfaiates. — Por motivo de «demarques» a realizar referentes às reclamações da classe, ficou adiada para amanhã, às 21 horas, a reunião da comissão de melhoramentos, a que deve comparecer o delegado dos contra-mestres, visto ter de assentir-se em trabalhos que interessam estes camaradas.

S. U. da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Reúnem hoje, pelas 20 horas, a assembleia de delegados, sendo indispensável a comparência de todos os componentes devido à importância dos assuntos a tratar.

Canteiros e polidores de mármore. — Foi convidada a reunir hoje, pelas 21 horas, com a Comissão Administrativa, a comissão revisora de contas, a fim de se liquidarem as contas do ano transacto.

Federação Mobiliária. — Comissão Revisora de Contas. — A fim de ultimarem os trabalhos pendentes, reúnem hoje, às 17,30 horas, todos os componentes desta comissão.

S. U. Mobiliário. — Corpos gerentes. — Para apreciar um assunto de inadiável resolução, reúnem hoje, pelas 21 horas, os componentes das comissões administrativas, de melhoramento e de propaganda da Federação.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Delegados à Conferência Inter-Sindical. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos. — Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral

VIANA DO CASTELO — encanto para os olhos

Impressões de vinte e quatro horas de demora — Pela avenida marginal até à foz do Lima — Cidade tranqüila — O movimento operário — O que a vista alcança do alto de Santa Luzia

convenção assente tódas as mulheres do Minho trajam desta maneira estonteante.

Mas que? Onde estão elas, as lindas minhotas? Acaso aquelas vestimentas insípidas, vulgares em Lisboa, nas raparigas do povo — uma saia qualquer e qualquer blusa — se parecerão com os lindos vestidos que os albos mostram, os guarda-roupas repletas, os poetas admiram e os prosadores descrevem? Estaremos realmente no Minho?

Estas perguntas acudiam-nos à mente e não encontrávamos para elas cabal resposta. Um pouco atrás de Viana, numa estação, um rancho de deliciosas raparigas, brincalhonas, dirigia graças para as carruagens. Mas nenhuma delas tinha outros encantos senão os naturais dos seus olhos castanhos ternos, das suas bocas breves, dos seus cabelos claros e de seus corpos flexíveis. O traje — branco — chegámos a dividir de nós próprios — para não duvidar dos ilustres escritores, poetas e jornalistas que tantas maravilhas nos contaram. Nós não viamos

Quando o combóio que nos levava começou a embrenhar-se nessa provincia lamosa, os nossos olhos eram pontos, não para se saciar de despretenciosamente no encanto gracioso, romântico da paisagem, mas para procurarmos o que nos livros e crónicas nos disseram.

Mal o combóio se detinha numa estação, logo nos debruçávamos avidamente prescrevendo, analisando, o caminhar das mulheres, os seus sorrisos, os seus olhos, o vicejar da vegetação que nos firmaram pujantíssima, e o deslumbramento da Natureza que nos garantiram ser esmagador.

Mais veloz, porém, que nada me tivesse dito sobre as atrações minhotas, que de longe me habituara a sentir uma maneira tão diversa da realidade.

O lisboeta está habituado a olhar com admiração os trajes garbados, à moda do Minho, que pelo Carnaval, as raparigas envergavam. Os vermelhos intensos, os amarelos fortes das saias listradas, as blusas brancas de manga justa até ao pescoço, o corpete negro, o avental, o lenço multicolorido cantando avulsos, o chapéu de rosetas brancas e brancas, o chapéu sobre os ombros, o prendido na cinta elegante, o al, é, mais ou menos, o que o alfacinha compreende por trajar à moda do Minho.

E quando, como nós, o acaso o arrebesse para aquela provincia, o coração alheio ao peito, emocionado, na esperança de ir ver, como norma, como

O sr. Wincks é um dos muitos ingleses que a nossa antiga e velha aliada a-Bretanha exportou para Portugal. O sr. Wincks veio para o nosso país sob o nome de «The Anglo-Portuguese Telephone Co.», sendo seu gerente, direi melhor senhor absoluto na Companhia dos Telefones do Porto, instalada na rua da Ferreira Borges.

Ora este nosso amigo britânico quando aqui chegou encontrou uma boa organização no seu pessoal, que, mercê de circunstâncias várias, deu agora em sustentar.

Deve-se talvez bastante a este motivo, a razão do seu procedimento para com os seus assalariados, que continuamente vem escravizando, mormente de tempos a esta parte.

Uma das suas coileiras lançadas sobre o pessoal seu subordinado foi esta: Proibir expressamente os empregados de fumarem não só dentro dos edifícios da Companhia, como também na rua. Note-se bem: na rua.

Se bem que essa proibição seja dum alto alcance, poupança a bolsa e o orgulho, não foi ela feita sob este ponto de vista, não!

O que o sr. Wincks pretendeu atingir foi a liberdade dos seus assalariados, negando-lhes o direito de fazerem o que quizerem. Impôs-lhe este dilema: ou deixar de fumar ou pôr-se a andar.

Esta proibição, diz a gerência, tem por fim evitar os princípios de incêndio. Ora, como se pode compreender isto, quando é certo haver fogareiros acêso

res tu abandonar já este mundo, a fim de ires para outra parte, sem que o anjo da morte te chame? «Meu bom pai, minha boa mãe, Hesus está irritado, o estrangeiro ameaça a nossa querida Gália. O sangue inocente de uma virgem, oferecido por sua livre vontade aos deuses, pode apaziguar a cólera de Hesus.

«Adeus, pois, até à vista, meu bom pai, minha boa mãe. Adeus, até à vista, vós todos, meus parentes e meus amigos! Guardai estes colares, e estes anéis como lembrança minha; que eu beije pela última vez as vossas loiras cabeças, queridos meninos! adeus até à vista! Recordai-vos de Hêna, vossa amiga; ela vai esperar-vos nos mundos desconhecidos.»

Eu e os remadores respondemos em coro ao ruído cadenciado dos remos:

«Era jovem, era formosa, era santa! «Ofereceu o seu sangue a Hesus, pela liberdade da Gália!

«Chamava-se Hêna, a virgem da ilha de Sên.

Douarneq continuou o bardoito:

«Brilhante está a lua, grande é o monte de lenha que se levanta junto das pedras de Karnak; imensa é a multidão das tribus, que se reúne em volta do monte de lenha.

«Ela aí vem! é ela! é Hêna!... Sob o monte de lenha com a sua harpa de ouro na mão, e canta assim:

«Toma o meu sangue, oh Hesus! e livra a Gália dos estrangeiros! Toma o meu sangue, o Hesus! Piedade para a Gália! Vitória às nossas armas! — E o sangue de Hêna correu!

«Oh virgem santa! O teu sangue inocente não correrá debalde! Curvada sob o jugo, a Gália um dia se levantará livre e altiva, bradando como tu: — Vitória às nossas armas! Vitória e liberdade!»

E Douarneq, assim como os três soldados, repetiram em voz mais baixa este último estribilho com uma espécie de piedosa admiração:

Viana do Castelo

O encanto dos olhos do viandante

O leitor nunca foi a Itália? Nós também, não. Mas temos lido desse país maravilhosos, descrições magníficas. Resuma tanta beleza esse «país da arte», como Blasco Ibañe z lhe chamou, que mesmo os escritores mais pobres de estilo, mais fracos em recursos literários não podem furtar-se a pôr nos seus livros um pouco de sol acariciante e um pouco de azul celeste e transparente.

Há uma cidade italiana, que d'Annunzio pintou num dos seus livros, que me impressionou pela suavidade da sua luz e pela brandura elegante dos seus contornos. É Veneza. Quando, inesperadamente, ao entrar o combóio numa larga ponte que atravessa o rio Lima, Viana do Castelo, envolta numa luminosidade poeirenta e doce, surgiu à vista, mirando-se nas águas calmas e scintilantes de

sol do rio que a beija, no nosso pensamento uma palavra ecoou: Veneza! Veneza, porque? Que parentesco haverá entre Viana e a célebre cidade? Talvez a mesma luz muito clara e muito leve abraça ambas volutuosamente; talvez a mesma neblina impalpável, efêmera, transparente que se evola das águas que as banham de frescura a ambas envolva na mesma túnica de pudor, que amacia os contornos da casaria e aprofunda os escuros sulcos das ruas plenas de prédios claros.

Servindo de fundo negro a mancha lu-

minosa e suave da cidade, ergue-se numa linha elegante e alta o monte de Santa Luzia, coberto de verdejante vegetação, plena de cambiantes esbaldos.

Viana do Castelo é incontestavelmente uma das cidades mais lindas do país e, ao contrário das minhotas que só envergavam os seus trajes característicos em dias de grande gala, tem sempre envergadas as suas galas para nos receber.

Pela cidade

A avenida marginal, o cais, o porto, e a Agonia

O sol quiz ser desagradável para connosco. Escondendo-se, tóldou-se. E quando desciámos a escadaria da garagem da encimadora cidade, ameaças de chuva escurceram o céu. Percorremos em alguns minutos quasi todas as ruas de Viana, que é pequena e pouco habitada. Recebemos uma impressão de asseio, de frescura e de clareza que não estamos habituados a ver por esse país fora. A avenida marginal, ajardinada e ampla, debruçando-se sobre o rio Lima, representa um belo esforço e fez-nos pensar na célebre avenida marginal que há tanto tempo se projectou abrir ao longo do Tejo. É uma avenida que envergonha as vereações lisboetas.

O estuário do Lima se fôsse arranjado convenientemente daria um porto de abrigo admirável. Porém, a incúria nacional não abriu para Viana excepções honrosas. Por isso, segundo observámos numa visita que fizemos ao cais, a navegação é relativamente frouxa e mal encontra guarida numa pequena doca. Umas obras de Santa Engrácia arrastam-se há anos. Trata-se da construção duma nova entrada, mais segura, para o porto de abrigo, cuja conclusão os nossos netos talvez cheguem a ver.

Naquele dia, o vento soprava rijo e as ondas iradas do oceano saltavam ligeiras, numa brincadeira sinistra sobre as muralhas de pedra. Dentro da doca alguns barcos ballavam sobre as águas um ballado dócil.

É ali perto do cais, beijada pela brisa forte e sa do Atlântico que num vasto terreno se realizam em Agosto as festas da Senhora da Agonia. Aquele largo encurvadado pela chuva, solitário, com a capela ao fundo em cujos degraus pouco frequentados neste tempo se reitorciam negros escrementos humanos, oferecia-nos um aspecto desolador de melancolia, que contrasta com o ruído alegre e luminoso dos dias de festa.

que está ali e aponta um número — um assinate que é muito delicado, que lhe doe um dente ou a barriga, enfim destes miudezas de meninas galantes, nem pode virar a cabeça para o lado, a ver o gancho da colega que está a cair, por os ordens são muito severas:

«Não se podem virar para trás nem para os lados, nem falar com as colegas». Prejudica o serviço.

Pergunto agora a quem cavalheiro se não prejudica o serviço, o material infame que estão trabalhando, se não prejudica o serviço o mau estado das linhas e cabos, se não prejudica o serviço o sistema estabelecido de obrigar as empregadas a assentarem as chamadas que fazem os assinantes, perdendo um tempo preciosos?

E o que prejudica o pessoal? Não leva isso em conta o sr. Wincks? Porventura não prejudica o serviço e a saúde do seu pessoal, o congestionamento das mesas, que contêm actualmente 140 assinantes! Calculem os leitores 140 assinantes para serem atendidos com 15 pares de cavilhas!!!

E' assombroso! E' ou não exigir mais do que o humano esforço que o pessoal pode dispendir? Naturalmente que sim.

Por esse motivo é que o seu pessoal é quasi esquelético, em marcha para a tuberculose? E por hoje basta.

Porto, 7 de Abril de 1924.

Mário AFONSO

Trabalhadores: lêde e propaganda Su-

plimento de A Batalha

«Aquele que assim ofereceu o seu sangue a Hesus pela liberdade da Gália:

Era jovem, era formosa, era santa. «Chamava-se Hêna, Hêna, a virgem da ilha de Sên.

Só eu não repeti com os soldados o último estribilho do bardoito, porque estava comovido.

Douarneq, notando a minha comoção e o meu silêncio, disse-me surpreendido:

«Que é isso, Scanvoh, a tua voz não se reúne à nossa? Ficas mudo no fim de uma canção tão gloriosa?

—Dizes a verdade, Douarneq; é porque essa canção é para mim gloriosa...; por isso mesmo é que eu estou comovido.

—Gloriosa para ti? não te compreendo.

—Hêna era filha de um dos meus avós!

—Que dizes tu?

—Hêna era filha de Joel, o brenn da tribo de Karnak, morto, bem como sua mulher e quasi toda a sua família, na grande batalha do Vannes, na terra e no mar, há mais de três séculos; eu, de pais para filhos, descendo de Joel.

—Oh! os próprios reis se ufanariam de serem teus avós! replicou Douarneq.

—O sangue derramado pela pátria e pela liberdade, é a nobreza dos gaulezes, disse-lhe eu; é esta a razão porque os nossos velhos barditos são tam populares entre nós.

—Parece incrível, replicou o mais novo dos soldados, que há mais de trezentos anos que Hêna, essa terna, e formosa santa ofereceu a sua vida pela liberdade da pátria, e que o seu nome ainda seja repetido!

—Posto que a voz da jovem virgem tivesse levado mais de dois séculos para chegar aos ouvidos de Hesus, replicou Douarneq, essa voz chegou afinal aos seus ouvidos, visto que podemos dizer hoje: Vitória às nossas armas! Vitória e liberdade!

Tinhamos chegado ao meio do Rheno, no sítio onde as suas águas são muito rápidas.

minosa e suave da cidade, ergue-se numa linha elegante e alta o monte de Santa Luzia, coberto de verdejante vegetação, plena de cambiantes esbaldos.

Viana do Castelo é incontestavelmente uma das cidades mais lindas do país e, ao contrário das minhotas que só envergavam os seus trajes característicos em dias de grande gala, tem sempre envergadas as suas galas para nos receber.

Pela cidade

A avenida marginal, o cais, o porto, e a Agonia

O sol quiz ser desagradável para connosco. Escondendo-se, tóldou-se. E quando desciámos a escadaria da garagem da encimadora cidade, ameaças de chuva escurceram o céu. Percorremos em alguns minutos quasi todas as ruas de Viana, que é pequena e pouco habitada. Recebemos uma impressão de asseio, de frescura e de clareza que não estamos habituados a ver por esse país fora. A avenida marginal, ajardinada e ampla, debruçando-se sobre o rio Lima, representa um belo esforço e fez-nos pensar na célebre avenida marginal que há tanto tempo se projectou abrir ao longo do Tejo. É uma avenida que envergonha as vereações lisboetas.

O estuário do Lima se fôsse arranjado convenientemente daria um porto de abrigo admirável. Porém, a incúria nacional não abriu para Viana excepções honrosas. Por isso, segundo observámos numa visita que fizemos ao cais, a navegação é relativamente frouxa e mal encontra guarida numa pequena doca. Um as obras de Santa Engrácia arrastam-se há anos. Trata-se da construção duma nova entrada, mais segura, para o porto de abrigo, cuja conclusão os nossos netos talvez cheguem a ver.

Naquele dia, o vento soprava rijo e as ondas iradas do oceano saltavam ligeiras, numa brincadeira sinistra sobre as muralhas de pedra. Dentro da doca alguns barcos ballavam sobre as águas um ballado dócil.

É ali perto do cais, beijada pela brisa forte e sa do Atlântico que num vasto terreno se realizam em Agosto as festas da Senhora da Agonia. Aquele largo encurvadado pela chuva, solitário, com a capela ao fundo em cujos degraus pouco frequentados neste tempo se reitorciam negros escrementos humanos, oferecia-nos um aspecto desolador de melancolia, que contrasta com o ruído alegre e luminoso dos dias de festa.

que está ali e aponta um número — um assinate que é muito delicado, que lhe doe um dente ou a barriga, enfim destes miudezas de meninas galantes, nem pode virar a cabeça para o lado, a ver o gancho da colega que está a cair, por os ordens são muito severas:

«Não se podem virar para trás nem para os lados, nem falar com as colegas». Prejudica o serviço.

Pergunto agora a quem cavalheiro se não prejudica o serviço, o material infame que estão trabalhando, se não prejudica o serviço o mau estado das linhas e cabos, se não prejudica o serviço o sistema estabelecido de obrigar as empregadas a assentarem as chamadas que fazem os assinantes, perdendo um tempo preciosos?

E o que prejudica o pessoal? Não leva isso em conta o sr. Wincks? Porventura não prejudica o serviço e a saúde do seu pessoal, o congestionamento das mesas, que contêm actualmente 140 assinantes! Calculem os leitores 140 assinantes para serem atendidos com 15 pares de cavilhas!!!

E' assombroso! E' ou não exigir mais do que o humano esforço que o pessoal pode dispendir? Naturalmente que sim.

Por esse motivo é que o seu pessoal é quasi esquelético, em marcha para a tuberculose? E por hoje basta.

Porto, 7 de Abril de 1924.

Mário AFONSO

Trabalhadores: lêde e propaganda Su-

plimento de A Batalha

«Aquele que assim ofereceu o seu sangue a Hesus pela liberdade da Gália:

Era jovem, era formosa, era santa. «Chamava-se Hêna, Hêna, a virgem da ilha de Sên.

Só eu não repeti com os soldados o último estribilho do bardoito, porque estava comovido.

Douarneq, notando a minha comoção e o meu silêncio, disse-me surpreendido:

«Que é isso, Scanvoh, a tua voz não se reúne à nossa? Ficas mudo no fim de uma canção tão gloriosa?

—Dizes a verdade, Douarneq; é porque essa canção é para mim gloriosa...; por isso mesmo é que eu estou comovido.

—Gloriosa para ti? não te compreendo.

—Hêna era filha de um dos meus avós!

—Que dizes tu?

—Hêna era filha de Joel, o brenn da tribo de Karnak, morto, bem como sua mulher e quasi toda a sua família, na grande batalha do Vannes, na terra e no mar, há mais de três séculos; eu, de pais para filhos, descendo de Joel.

—Oh! os próprios reis se ufanariam de serem teus avós! replicou Douarneq.

—O sangue derramado pela pátria e pela liberdade, é a nobreza dos gaulezes, disse-lhe eu; é esta a razão porque os nossos velhos barditos são tam populares entre nós.

—Parece incrível, replicou o mais novo dos soldados, que há mais de trezentos anos que Hêna, essa terna, e formosa santa ofereceu a sua vida pela liberdade da pátria, e que o seu nome ainda seja repetido!

—Posto que a voz da jovem virgem tivesse levado mais de dois séculos para chegar aos ouvidos de Hesus, replicou Douarneq, essa voz chegou afinal aos seus ouvidos, visto que podemos dizer hoje: Vitória às nossas armas! Vitória e liberdade!

Tinhamos chegado ao meio do Rheno, no sítio onde as suas águas são muito rápidas.

O ambiente social

O operariado possui uma organização pequena como a cidade

Em cerca de 24 horas que nos demorámos em Viana do Castelo não tivemos tempo de profundamente averiguar da vida daquela cidade. Tudo vimos de fugida, tudo perpassou ante os nossos olhos precipitada e rapidamente. O treino jornalístico, entretanto, dá-nos, por vezes, uma facilidade de observação que nos permite num golpe de vista verificar cousas que longo tempo levariam a analisar.

Não é preciso ser-se demasiado inteligente para se ver que Viana é uma localidade de precária vida social. Arreia da vida moderna, desprovida de indústrias, a terra em torno diziada em pequenas propriedades, Viana não possui, por isso um proletariado. É a condição essencial dum movimento operário é a existência dum proletariado.

Terra pequena, população pequena, indústria pequena, agricultura pequena, pequeno movimento operário. Trabalhadores organizados: os das várias artes da construção civil que se reuniram ultimamente num Sindicato Unico, os alfaiates, os metalúrgicos, os manufactores de calçado, os marfiteiros e os empregados no comércio. Esta organização deu lugar à União dos Sindicatos Operários de Viana que tem uma vida frôuxa, como frouxa é toda a vida da cidade.

O operariado vianense, conforme o

ver o Papa. Por isso nós não quizemos sair de Viana sem ir ao alto do monte de Santa Luzia. O monte de Santa Luzia está em valor turístico para Viana do Castelo, como o palácio da Bóls: está para o Porto; a Universidade para Coimbra, o castelo para Silves, a ria para Aveiro, a torre Eiffel para Paris; e o Papa para Roma.

Um elevador pequeno, ranceiro, movido a electricidade, leva-nos numa lentidão bovina monte acima. E durante a subida morosa, a paisagem que os nossos olhos avistam vai engrandecendo pou-

co a pouco, vai-se tornando maior em extensão, enquanto num contraste exquisto os pormenores diminuem. Alarga-se a vasta bacia do Lima, mingda o tamanho dos botes que atravessam minúsculos a facha clara das águas do rio; aumenta o tamanho da cidade que se vê melhor, que se vê toda a nossos pés, resumem-se as proporções da casaria que lembra prediosinhos de carvão para folguedos de criança; assume um volume enorme o verde tapete de relva fresca que cobre os campos até lá longe, onde o Lima se perde numa curva, e os telhados vermelhos dos casebres de cal que salpicam os campos de notas alegres, reduzem-se a graciosas manchas, toques de graça e de arte dadas por pintor invisível e genial.

E quando o elevador, sem que o condutor intervenha, como um animal cansado, se imobiliza lá em cima à espera que a gente saia, olhamos em frente e enxergamos ao longe, para o Sul, uma serra azul à distância, de linha sinuosa e elegante, no topo da qual brilha um ponto branco — o Sameiro de Braga. Entre essa serra longínqua e o monte de Santa Luzia — até o nome encanta — espreguiça-se voluptuosamente sobre o o largo vale, onde aqui e ali, um jardim imenso, onde as mimosas floridas de amarelo, arvôres que são, parecem ao longe simples malmequeres. Os caprichos da agricultura bordam sobre o verde claro dos campos tons variegados de colcha oriental.

Deambulando no cumo de Santa Luzia, por áreas de jardim pujante de vegetação, vistos de passagem um grande hotel, um restaurant, umas barracas de divertimentos de feira, um templo por acabar, um Cristo de bronze, tudoermo, tudo silencioso, tudo mergulhado na habitual tristeza daquela dia, devolvemos no lado oposto do Monte que faz frente ao Oceano. Daí é a ladeira que desce até ao mar mais árida, mais crestada pelos ventos impetuosos. Era um belo dia de tempestade o da nossa permanência naquele ponto maravilhoso do país. Indiferentes à chuva que principiava a cair violenta, abafando os lugares numa bruma cinzenta, triste e profunda, olhamos o Atlântico em furia, que se despedaçava contra os rochedos negros, em alva espuma. E seguimos por algum tempo aquela teima brutal do mar que parecia, nesse dia de tempestade, querer escalar a montanha, envolver a nascer ondas altas, apertá-la num abraço gigantesco, mergulhá-la num todos os seus encantos, na toalha líquida e ameaçadora que enchia o horizonte até lá, onde a vista já não alcança.

M rio DOMINGUES

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, carimbos e livros de escultura, mapas de escultura, mapas de descarga de cotas e de matrícula, para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre aos preços mais baixos do mercado.

A grandiosa obra de Victor Hugo, «OS MISÉRAVEIS», ilustrada por assinatura a tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando o diário de porte o embalagem para a provincial.

Sempre novos artigos e novidades literárias

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 LISBOA

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para maçarico, estanho e chumbo em barra.

Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO

das melhores marcas

CARLOS A. SANTOS

80, Rua do Arsenal, 80 — Lisboa

um velho hábito de sinceridade... Vamos, firmes, rapazes! firmes aos remos! é ordem da nossa mãe... da mãe dos acampamentos, a quem nós devemos obedecer... A'vant! a'vant!... ainda que tenhamos de ser esfolados vivos por aqueles bárbaros, divertimento cruel a que eles se dão muitas vezes à custa dos nossos prisioneiros.

—Dizem também, replicou o jovem soldado com voz menos firme do que a de Douarneq, dizem também que as sacerdotisas do inferno, que seguem as hordas francas, metem às vezes os nossos prisioneiros em grandes caldeiras de metal, onde os fervem em vida com certas ervas mágicas.

—Oh! oh! exclamou alegremente Douarneq, qualquer de nós que seja posto a ferver dessa maneira, meus rapazes, terá pelo menos a vantagem de ser o primeiro a provar do seu próprio caldo...; ao menos isso consola... Vamos, rapazes, firme aos remos! nós obedecemos a uma ordem da mãe dos acampamentos!

—Oh! remariam para um abismo, se Vitória assim o ordenasse!

—A mãe dos acampamentos e dos soldados é bem conhecida; veja-se o que ela faz depois da batalha indo visitar os feridos!

—E dizendo-lhe daquelas palavras que fazem dizer aos seus que desejavam ter sido feridos!

—E depois, é tam formosa... tam formosa!...

—Oh! quando atravessa o acampamento, montada no seu cavalo branco, trajando o comprido vestido preto, com a fronte altiva sobreposta do capacete, mas com olhares tam ternos, e um sorriso tam maternal... é como se fôsse uma visão!

—Diz-se que a nossa Vitória conhece tam bem o futuro como sabe do presente.

Por força que tem algum encantamento; quem acreditaria ao vê-la, que é mãe de um filho de vinte e dois anos?...

—Ah! se o filho sáisse como prometia ser!

—Estimá-lo-hiam como o estimavam dantes.

—Sim, e é pena certamente, replicou Douarneq.

tem demonstrado em várias ocasiões de difícil, possui espírito revolucionário, falta-lhe, porém, o espírito de continuidade que mantém de pé e pujantes as organizações. Na luta é forte, é audaz. Após o triunfo adormece sobre os louros e deixa ir tudo por água abaixo. Só uma propaganda intensa, a acção constante de delegados das centrais operárias poderiam modificar, pela educação social, o ambiente sonolento de Viana onde, salvo curtas interrupções, o povo trabalhador dorme um sono tranqüilo e sereno.

De Santa Luzia

O que se avista, o que nos encanta

e o que nos deslumbra

O viajante que se pressa não vai ao Porto sem ver a Bóls, não passa por Coimbra sem visitar a Universidade; não se demora em Silves, sem trepar ao castelo; não deixa Aveiro sem contemplar a ria; não sai de Paris sem subir à torre Eiffel; não vai a Roma sem

A cidade e a foz do Lima vistas da ponte

Terra pequena, população pequena, indústria pequena, agricultura pequena, pequeno movimento operário. Trabalhadores organizados: os das várias artes da construção civil que se reuniram ultimamente num Sindicato Unico, os alfaiates, os metalúrgicos, os manufactores de calçado, os marfiteiros e os empregados no comércio. Esta organização deu lugar à União dos Sindicatos Operários de Viana que tem uma vida frôuxa, como frouxa é toda a vida da cidade.

O operariado vianense, conforme o

ver o Papa. Por isso nós não quizemos sair de Viana sem ir ao alto do monte de Santa Luzia. O monte de Santa Luzia está em valor turístico para Viana do Castelo, como o palácio da Bóls: está para o Porto; a Universidade para Coimbra, o castelo para Silves, a ria para Aveiro, a torre Eiffel para Paris; e o Papa para Roma.

Um elevador pequeno, ranceiro, movido a electricidade, leva-nos numa lentidão bovina monte acima. E durante a subida morosa, a paisagem que os nossos olhos avistam vai engrandecendo pou-

